



ESTADOS UNIDOS

Manobras eleitorais DE OLHO EM 2026

Senado texano aprova redesenho dos distritos estaduais, o que poderá garantir mais cinco cadeiras aos republicanos nas legislativas do próximo ano. Democratas tentarão neutralizar a estratégia, incentivada pelo presidente Donald Trump

Getty Images via AFP



Legislador texano consulta um mapa durante uma sessão da Câmara no Capitólio Estadual, em Austin, na última quarta-feira

Depois de oito horas de debates, o novo mapa eleitoral no Texas foi aprovado no Senado estadual, ontem, conferindo uma vantagem significativa ao Partido Republicano na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos. Por 18 votos a 11, a medida da base governista foi vitoriosa e, para entrar em vigor, depende apenas da promulgação do governador Greg Abbott. O movimento provocou a reação rápida dos democratas: na Califórnia, maior colégio eleitoral do país, o governador Gavi Newsom iniciou um plano para redesenhar distritos e neutralizar o avanço republicano.

A reformulação dos distritos eleitorais, conhecida como gerrymandering, deve garantir aos republicanos até cinco cadeiras adicionais na Câmara Federal a partir das eleições de meio de mandato de 2026. O presidente Donald Trump celebrou o resultado em sua rede Truth Social, classificando o redesenho como "UMA VITÓRIA ENORME do nosso programa América Primeiro", com as três primeiras palavras grafadas em maiúsculo.

A manobra texana foi conduzida sob forte pressão de Trump, que vê no redesenho distrital uma estratégia fundamental para impedir que os democratas revertam a estreita maioria republicana na Câmara. "Estou convencido de que, se o Texas não agir, há um risco extremo de que essa maioria republicana se perca", disse o senador estadual Phil King, durante o debate de ontem.

Efeito dominó

A aprovação no Texas desencadeou um efeito dominó em outros estados. Na Califórnia, a expectativa é de que o redesenho garanta também cinco novas vagas, o que anularia os esforços republicanos. "Estamos respondendo ao que aconteceu no Texas. Quais evidências de autoritarismo são necessárias?", declarou Gavi Newsom, em entrevista ao podcaster David Pakman. Ele acrescentou que Trump não "respeita nenhuma regra". A legislatura californiana aprovou a proposta com ampla maioria, mas o projeto será submetido a referen-

UMA VITÓRIA ENORME do nosso programa América Primeiro

Donald Trump, presidente dos EUA, em postagem na rede Truth Social

do em novembro.

O contra-ataque californiano já conta com o apoio de lideranças democratas nacionais. Citado pela agência de notícias France Presse (AFP), o ex-presidente Barack Obama elogiou a decisão como uma resposta "inteligente e equilibrada" à ofensiva republicana.

A movimentação em torno dos mapas eleitorais não deve se restringir a Texas e Califórnia. Segundo o jornal *The New York Times*,

Trump pressiona parlamentares em estados como Missouri, Indiana e Ohio para aprovarem medidas semelhantes que consolidem cadeiras republicanas. Já na Flórida, o presidente da Câmara estadual também prometeu entrar na corrida pelo redesenho distrital.

Do lado democrata, governadores como Kathy Hochul, em Nova York, sinalizam disposição de reagir. Ela chamou a estratégia republicana de "último suspiro de um partido desesperado que se agarra ao poder" e prometeu enfrentar Trump "no mesmo campo e vencê-lo em seu próprio terreno". Ainda assim, obstáculos jurídicos dificultam a aprovação de novos mapas em estados governados pelos democratas, incluindo Nova York, além de Maryland e Illinois.

Resistência

A manobra texana não passou sem resistência. Legisladores democratas acusaram a maioria re-

publicana de violar a Lei de Direito ao Voto de 1965, ao diluir a força eleitoral de negros e latinos — grupos que tendem a apoiar os democratas. Eles alegam que a redistribuição dos distritos foi feita para neutralizar minorias e prometeram contestar o mapa nos tribunais.

Em entrevista ao *The New York Times*, o senador Phil King afirmou não ter considerado "nenhum dado racial" durante o processo e garantiu que o desenho "é legal em todos os aspectos". A oposição rebate, classificando a medida como uma "manipulação racista" para silenciar comunidades historicamente marginalizadas.

Segundo Benjamin Schneer, professor associado de políticas públicas da Universidade de Harvard que estuda política e representação política, o mapa congressional do Texas já é um dos gerrymanders mais extremos do Estados Unidos. Com o redesenho, a característica acentua-se ainda mais, disse.

"Craqueamento"

"No Texas e na maior parte do país, os democratas tendem a se concentrar em áreas metropolitanas", explicou Schneer, em entrevista à Harvard Kennedy School. "Portanto, outro sinal revelador de gerrymandering é um mapa com distritos alcançando áreas que tendem a ser suburbanas ou rurais, onde há um número razoável de eleitores republicanos. Isso é conhecido como craqueamento: retirar eleitores de um partido e transferi-los para um distrito onde não há eleitores suficientes para vencer no distrito."

Embora a iniciativa republicana no Texas seja vista como vitória estratégica para Trump, especialistas apontam que seu impacto final é incerto. Mesmo sem considerar as mudanças em andamento, 27 cadeiras da Câmara foram decididas por margem inferior a cinco pontos percentuais em 2024, sendo 14 delas atualmente ocupadas por republicanos. Isso significa que, apesar da manipulação distrital, o controle da Casa seguirá em aberto.

Momento incomum

Em junho, o presidente Donald Trump sugeriu uma reforma nos distritos texanos para as eleições legislativas de 2026, ideia prontamente abraçada pelo governador do estado, Greg Abbott. A expectativa é de que as eleições de meio de mandato em todo o país sejam muito competitivas. Para que os republicanos mantenham a maioria na Câmara dos Representantes, cada cadeira que conquistarem será valiosa.

Segundo o especialista em políticas públicas Benjamin Schneer, da Universidade de Harvard, trata-se de um tema polêmico no momento, pois é incomum remapear os distritos no meio da década ou no meio de um ciclo, especialmente quando a ideia parece ter sido lançada pelo presidente. Tradicionalmente, o redesenho ocorre uma vez a cada década após o censo eleitoral.

Schneer explica que uma definição de gerrymandering é quando mapas distritais são desenhados para conceder a um grupo ou partido uma vantagem indevida. A Suprema Corte concluiu que a estratégia fere os princípios democráticos. Porém, afirmou ser muito difícil identificar o que é e o que não é um gerrymandering partidário. "Há estados que têm disposições específicas contra a abordagem em suas constituições estaduais, mas, na esfera federal, há muito pouca chance de que seja combatido pelos tribunais", afirma o especialista.

Fonte: Harvard Kennedy School

Paulo Delgado



contato@paulodelgado.com.br

O QUADRADO DE TRUMP, XI e PUTIN

O fundo não é mais o poço do passado, mas o do futuro. Trump, Xi Jinping e Putin querem impor um mundo trilateral com cada um imperador de seu quadrado.

Os Estados Unidos deslocaram três contratorpedeiros Aegis para as águas próximas à Venezuela. A justificativa oficial foi a de que essa movimentação hostil faz parte do esforço do governo de Donald Trump para combater ameaças vindas dos cartéis de drogas latino-americanos. Parece desculpa esfarrapada: se os EUA — os maiores consumidores mundiais de cocaína, maconha, entre algumas outras drogas que proliferam nos EUA — estivessem, de fato, determinados a enfrentar os cartéis, deveriam

começar dentro de seu próprio território, reforçando suas fronteiras e reprimindo os inúmeros traficantes que atuam em solo estadunidense. É pelas mesmas razões que acontecem em outros lugares: em parte porque a droga se meteu na política, em parte porque é mercadoria da economia.

Ainda que o governo de Nicolás Maduro acumule motivos para não ser bem-quisto interna, regional e internacionalmente por defensores da democracia, é esdrúxula e reprovável qualquer tentativa de interferência militar externa contra a Venezuela.

Na hierarquia das preocupações, a Venezuela é um problema dos venezuelanos e, em segundo

lugar, da América do Sul. Fora dos fóruns multilaterais, cada país é cada país. Isso de os EUA ficarem metendo o bedelho em questões de países sul-americanos não apenas é antiquado, equivocado e negativo, inclusive para os EUA. Mas, nas condições atuais, representa duas outras coisas, preocupantemente contemporâneas.

Primeiramente, é um fator de distração para assuntos mais graves e relevantes para a posição dos EUA e a defesa de seus interesses. Em segundo, trata-se de uma possível demonstração de que a administração Trump admite o fim da possibilidade de atuação global dos EUA e aceita negociar com Rússia e China uma divisão aberta e autoritária do globo em esferas de influência. Sobrando para os EUA, nesse cenário, a hegemonia sobre as Américas. Três líderes autoritários que se acertam dividindo o mundo em seus quintais.

Seria por isso, aliás, que tanto o

Japão quanto a Coreia do Sul começaram a considerar o impensável até pouco tempo atrás: possuir armas nucleares, como uma necessidade de autopreservação, visto que os EUA dão sinais de que não só irão se afastar da região, mas que não se responsabilizam mais pelo que prometeram no passado. Assim como as potências médias asiáticas não assistirão de braços cruzados a essas mudanças geopolíticas rumo a arbitrárias esferas de influência, os europeus também não aceitarão que a Rússia faça o que quiser em sua região. Bem, espera-se que os países da América Latina, igualmente, não aceitem ingerências agressivas e/ou violentas dos EUA em suas jurisdições.

O alerta disparado pelos três contratorpedeiros Aegis posicionados em águas onde não deveriam estar sem serem convidados, soa-se a outros sinais preocupantes para todos aqueles que valorizam o multilateralismo, a soberania

nacional, a proscrição do abuso de poder, e a solução pacífica dos conflitos.

O nome Aegis, que designa o sofisticado sistema integrado de armamentos navais empregado na classe de contratorpedeiros em questão, significa em português Égide — palavra oriunda da mitologia grega. A Égide era uma couraça ou escudo mágico, frequentemente associado a Zeus e sua filha Atena, e representava não apenas proteção, mas também um símbolo de autoridade e legitimidade divina.

Quando Atena — símbolo da sabedoria e da retidão — portava a Égide, seus inimigos eram tomados de pavor, pois não se tratava de uma defesa comum, mas de um instrumento que encarnava a ordem cósmica e a justiça dos deuses, legitimando a deusa, essencialmente associada às mais nobres aspirações da vida urbana e às formas civilizadas de convivência.

Essa imagem nos recorda de como a linguagem e os símbolos militares são utilizados, ontem e hoje, não apenas para designar objetos bélicos, mas para projetar poder e avocar uma pretensa legitimidade aspiracional. Afinal, nada no mundo dura sem legitimidade.

E é justamente por isso que é fundamental evitar agir ilegitimamente ou, pior ainda, tentar conquistar e manter algo sob bases ilegítimas. Afinal, é fato que a própria mitologia grega ensina que, se não portada com legitimidade, mesmo a égide não garante vitória. No mundo real, igualmente, impérios que, confiando em sua força bruta, abusam de seu poder, escancararam ter sucumbido à arrogância violenta que precede a queda.

O verdadeiro desafio segue sendo liderar com justiça e sabedoria. O que anda faltando no mundo atual.

PAULO DELGADO, sociólogo